



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA ENTRE O TEATRO E A LEITURA:
UMA EXPERIÊNCIA NO 5º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO
FUNDAMENTAL GUTTEMBERG MODESTO DA COSTA.**

FÁTIMA BEZERRA DA SILVA

**SENA MADUREIRA – AC
2012**

FÁTIMA BEZERRA DA SILVA

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA ENTRE O TEATRO E A LEITURA: UMA
EXPERIÊNCIA NO 5º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO
FUNDAMENTAL GUTEMBERG MODESTO DA COSTA.**

Trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em Teatro do
Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Mestra Sulian Vieira Pacheco.

Sena Madureira – AC

2012

FÁTIMA BEZERRA DA SILVA

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA ENTRE O TEATRO E A LEITURA:
UMA EXPERIÊNCIA NA 5ª SÉRIE DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO
FUNDAMENTAL GUTTEMBERG MODESTO DA COSTA**

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado a UnB - Universidade de Brasília, no Instituto de Artes, Departamento de Artes Cênicas- CEN como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Teatro com nota final igual a 8,5MS sob a orientação do (a) professor (a) Mestre Sulian Vieira Pacheco.

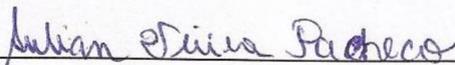
Sena Madureira-AC, 05 de dezembro de 2012.



Professora Mestre Rosimeire Gonçalves dos Santos



Professor Mestre Dhenise de Almeida Galvão



Professora Mestre Sulian Vieira Pacheco

DEDICATÓRIA

À Deus, fonte de toda inspiração e sabedoria, Ser muito especial, amigo verdadeiro a quem todos devem confiar, crer e amar, dedico este trabalho.

Obrigada Senhor Jesus, por toda a fé e energia que nos moveram, fazendo-me prosseguir nessa jornada, principalmente nos momentos difíceis, em que tudo parecia estar perdido, sem solução.

A minha amada mãe Fausta, ao meu esposo Éder e minhas filhas Kayllanny e Mel, a razão maior de minha existência, por sempre acreditarem em meus sonhos e por terem partilhado comigo de meu objetivo maior em concluir este trabalho, dando-me sua atenção, carinho e compreensão.

AGRADECIMENTO

À Deus pela consecução de mais uma vitória, que veio coroar a conclusão deste curso;

Aos nossos pais, pela educação que sempre me deram e por tudo fizeram por mim;

Aos meus amigos que estiveram comigo esses quatro anos na luta, sempre me ajudando no que foi preciso, cada um contribuiu para que hoje eu pudesse estar realizando este trabalho. Amo vocês amigos: Antonia, Dandara, Tânia, Eunice, Jecson, Aldemira, Cláudio, Valcione, Inês, Milse, Rafaela, Luciene, Maria, Florêncio, Luiz, Elisângela, João, Mustafa, ny. Obrigada por tudo;

A todos os professores e, em especial àqueles extremamente comprometidos com o conhecimento e com um ensino de qualidade com quem tivemos contato, os quais foram fundamentais para minha formação;

Aos respondentes dos questionários que, cedendo um pouco do seu precioso tempo, deram sua valiosa e fundamental contribuição, compartilhando reflexões sobre o tema abordado;

A minha tutora presencial Itamar Isidio, que me apoiou sempre, e a coordenadora do Pólo Cedup, Francisca Almeida;

A minha tutora a distância Angélica Beatriz Souza e Silva, pela atenção, compreensão e dedicação;

A minha orientadora, Professora mestra Sulian Vieira Pacheco, pela lealdade, paciência e atenção com que sempre me acolheu no repasse das informações;

E a todas as pessoas que, de alguma maneira, nos prestaram apoio e auxílio para que esse objetivo se concretizasse, minha eterna gratidão.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo experimentar a prática da contação de história no 5º ano da Escola Guttemberg Modesto da Costa, como eixo interdisciplinar para a aprendizagem de elementos teatrais e para o estímulo da prática da leitura. Sendo assim, o tema desenvolvido pode promover oportunidades para trabalhar a relação entre a prática da leitura e a expressão corporal e oral dos alunos, por meio do trabalho com as histórias e com os jogos teatrais. Para tanto, foram realizadas 10 h/aulas que proporcionaram aos alunos oportunidades de aprendizagem de técnicas teatrais que poderão ser apropriadas pelos alunos nos momentos de contação de história. Portanto, este trabalho constitui-se em dois capítulos: o primeiro conceitual e metodológico e o segundo apresentando a proposta práticas e análise dos dados colhidos. Entre os autores nas teorias dos quais a pesquisa se baseia, destacam-se: Viola Spolin, Márcia Lisboa, Cléo Bussato, Celso Cisto, dentre outros. Pelos resultados deste trabalho foi possível conhecer as possíveis relações entre a contação de história, o teatro e a leitura. Essa experiência proporcionou aos alunos condições para um crescimento pessoal, socialização e aprendizagem significativa.

PALAVRAS – CHAVES: Contação de Histórias, Jogos Teatrais e Leitura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09.
1. CAPÍTULO 1: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: RELAÇÃO ENTRE O TEATRO.....	10.
1.1 Contação de história e leitura.....	10.
1.2 Contação de história uma associação com o teatro.....	16.
1.3 Aspectos Metodológicos.....	18.
2. CAPÍTULO 2: EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS.....	22.
2.1 Aulas Desenvolvidas.....	24.
2.2 Desenvolvimento.....	26.
2.3 Análise dos resultados e objetivos proposto.....	30.
CONCLUSÃO.....	32.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34.
APÊNDICE.....	I.
Apêndice A - Questionário dos alunos.....	II.
Apêndice B - Plano de Aula.....	IV.
Apêndice C - Fotos do Projeto.....	XIV.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, cujo título é “A contação de História entre o Teatro e a Leitura: uma experiência no 5º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Guttemberg Modesto da Costa”, apresenta resultados de práticas e teorias que subsidiam a disciplina de conclusão de curso, e será apresentado em dois capítulos. No primeiro serão apresentados os aspectos conceituais e metodológicos e no segundo capítulo terão lugar as experiências práticas e a análise dos dados colhidos.

O tema escolhido nasceu da necessidade de compreender a relação da contação de história entre o teatro e a leitura, embora esses três elementos não façam parte do contexto escolar de alguns alunos da referida escola, onde atualmente trabalho. Creio que seja muito importante ler e contar histórias para as crianças nessa idade, pois nessa fase de sonhos e imaginação, o momento de história contribui para ampliar o vocabulário, entrar no mundo da linguagem escrita, ajuda a se concentrar, desperta emoções, alimenta a imaginação e a criatividade.

Para o desenvolvimento desse trabalho foram utilizadas várias referências bibliográficas como, Márcia Lisboa, Viola Spolin, Celso Sisto, Cléo Bussato, Patrice Pavis e dentre outros. Todos esses autores contribuíram para maiores e melhores informações sobre o tema.

O trabalho também objetivou averiguar a realidade dos alunos com relação à contação de história, ao teatro e à leitura. Concentrarei-me na linguagem dramática, como alternativa para se contar histórias e, nesse caso, vivenciá-las. Não quero propor que as crianças simplesmente decorem o texto de uma história e o apresente. Procurarei aproximar as crianças aos jogos teatrais, pois o mesmo irá estimular nos alunos/atores, a uma mobilização para a ação, à imaginação criadora, espontânea e consciente, permitindo assim, o contato com alguns aspectos da linguagem teatral.

É importante salientar que a relação entre a contação de história e a leitura também podem proporcionar habilidades necessárias para o teatro. Pois, muitas vezes, ao contar uma história, vivenciam-se as ações da personagem. Mudamos a voz, trabalhamos os movimentos, a interpretação, a articulação. Por outro lado, a linguagem dramática permeia a vida de todos nós, estando presente em nosso cotidiano, no cinema, no teatro, que é a arte da ação, uma arte viva.

Uma pergunta se fez importante para esta pesquisa: além de encantar, o que mais as histórias nos transmitem? As histórias podem imprimir valores, oferecendo

importantes referenciais para o desenvolvimento subjetivo das crianças. Ao ouvir histórias, as crianças entram em contato com variadas emoções, muito importantes para o seu desenvolvimento como: alegria, raiva, tristeza, medo, tensão, horror, coragem, esperança e muitas outras sensações, que a história, o contador e a imaginação proporcionam.

Vale ressaltar que a metodologia utilizada no trabalho foi marcada principalmente por análises da teoria aliada à prática e pelos resultados obtidos durante o projeto desenvolvido. Para discutir esta temática, realizou-se uma pesquisa com aplicação de questionários aos alunos. Em seguida, houve a análise de dados que serviram como embasamento para a realização deste trabalho.

1. CAPÍTULO 1: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: RELAÇÃO ENTRE TEATRO E LEITURA.

1.1 A Contação de história e a leitura.

Este trabalho está respaldado a partir dos pressupostos dos autores que contribuíram para o desenvolvimento dos campos relacionados à contação de histórias e aos jogos teatrais, garantindo suporte para a eficácia dos nossos questionamentos, visando alcançar os objetivos expostos nesse estudo.

Tais objetivos se concretizam na proposta de experimentar a prática de contação de histórias no 5º ano da Escola Guttemberg Modesto da Costa, como um eixo interdisciplinar para a aprendizagem de elementos teatrais e para o estímulo da prática de leitura.

Para ser mais precisa, a proposta neste trabalho é explicitar as relações entre a contação de história e as práticas teatrais, evidenciando a importância da prática de leitura para o teatro, bem como de promover oportunidades para a relação entre a prática da leitura e a expressão corporal e oral dos estudantes, por meio do trabalho com as histórias e os jogos teatrais. Além disso, visamos proporcionar oportunidades de aprendizagem de técnicas teatrais que poderão ser apropriadas pelos estudantes nos momentos de contação de história, por meio de jogos teatrais específicos.

Acreditamos que seja de extrema importância a contação de história no processo educacional, pois além de promover a capacidade de leitura, contribuindo para aquisição da habilidade de compreensão do texto, colabora para o desenvolvimento da oralidade e da integração social dos alunos.

Devido ao fato de já ter conhecimento sobre a realidade escolar dos alunos do 5º ano, assim como de perceber a grande necessidade de contato desses alunos com o fazer teatral, resolvi escrever minha monografia sobre o tema já mencionado. Faço parte do quadro de funcionários há dois anos, sou professora provisória e pretendo um dia fazer parte do quadro efetivo da escola, pois gosto de lecionar e, acima de tudo, é bom saber que posso contribuir para o futuro de cada aluno.

A Escola Municipal Guttemberg Modesto da Costa funciona em dois turnos diários: o matutino e o vespertino, nos dias úteis. Fazem parte do quadro de servidores da escola 70 funcionários, incluindo professores, serventes, gestora, secretárias, merendeiras, coordenadoras, entre outros.

A instituição atende cerca de 415 alunos matriculados, do 1º ao 5º ano, entre 06 a 15 anos. A escola acolhe crianças de todas as classes sociais, porém a maior parte da clientela advém de famílias economicamente e socialmente vulneráveis.

A escolha da turma de 5º ano, em primeiro lugar, ocorreu pelo fato de serem meus alunos e por eu já conhecer um pouco da realidade de cada um, mas principalmente por ser a atividade teatral algo inovador para a turma, o que poderia contribuir como uma motivação extra para o processo de aprendizagem do grupo, formado por 20 alunos, na faixa etária de 09 a 15 anos.

A instituição supracitada é contemplada com o Programa Mais Educação, que funciona no contraturno, como Sistema de Educação Integral, oferecendo aos educandos atividades recreativas, culturais, esportivas e de apoio pedagógico em Letramento e Matemática, incluindo aulas de dança e teatro.

A seleção para participar do Programa é feita pela equipe gestora e professores, que realizam diagnóstico das turmas para reconhecer aqueles que podem estar em situação de risco social. Isto é, são selecionados os alunos que vivem em áreas periféricas e de insegurança pública, ou que não apresentem bom rendimento escolar e que, geralmente, não possuam acesso aos meios culturais, como cinema, teatro e literatura.

Como a escola trabalha com o objetivo de formar cidadãos que busquem seu pleno desenvolvimento intelectual, político e social, conforme está previsto no Projeto Político Pedagógico da Escola, buscamos promover atividades dentro e fora da sala de aula, que estimulem variados conhecimentos e práticas culturais, uma vez que eles podem auxiliar na formação integral de nossos estudantes.

Assim, ao observar que muitos alunos participavam do programa citado acima, e apresentavam também grande carência em conhecer e vivenciar práticas culturais relacionadas ao teatro e à leitura, senti a necessidade de me concentrar na contação de histórias e no fazer teatral, a fim de aprimorar a competência leitora e de interpretação de histórias. Assim, desenvolvemos atividades com foco na leitura dramatizada de histórias como, por exemplo, o conto “Chapeuzinho Vermelho”, na versão de Charles Perrault, que foi recontado e adaptado para o teatro por Márcia Lisboa.

Apesar de a escola focar seus objetivos educacionais na ação leitora convencional, este trabalho pretende trabalhar outra proposta. Com a pretensão de mudar essa rotina pré-estabelecida, utilizaremos o teatro e a contação de história como meios motivadores e facilitadores da leitura, já que as leituras teatralizadas podem

proporcionar uma melhor compreensão do texto e podem colocar o ato de ler, não como uma atividade obrigatória, mas extremamente prazerosa.

Quando contamos uma história, além de estarmos resgatando ou preservando a tradição oral, podemos contribuir para uma vida escolar e cultural de sucesso, em face dos muitos benefícios que esta ação pedagógica traz para a aquisição de competências leitoras. Segundo Celso Sisto:

A contação de história no contexto escolar é um dos recursos que o professor tem disponível para fazer com que seus alunos submerjam no mundo da leitura. E, quando tal acontece, poderão experienciar novos saberes, pois as experiências vividas e sentidas pelo leitor não se encerram ao final da história. Elas ficam lá “volteando pelos meandros do ser humano” (SISTO, 2005, p. 70).

Com relação à abordagem da leitura, podemos observar que ultimamente no contexto escolar, são trabalhadas várias modalidades de leitura: a silenciosa, a leitura em voz alta, a colaborativa, a sequenciada, a dramatizada. Entre estas destacamos a leitura dramatizada, que se constitui pela representação das falas dos personagens da história, procurando demonstrar atitudes, gestos e expressões linguísticas. Esta leitura se aproxima do nosso foco de pesquisa, pois queremos destacar a relação entre a contação de histórias, a leitura e a experiência teatral.

Conforme Pavis: “teatralizar um acontecimento ou um texto é interpretar cenicamente usando cenas e atores para construir a situação. O elemento visual da cena e a colocação em situação dos discursos são as marcas da teatralização” (PAVIS, 2004, P. 374). Assim, consideramos relevante o que a leitura dramatizada, ou teatralizada, pode promover quanto à aquisição de competências leitoras, uma vez que propicia a interpretação de textos narrativos, de forma mais prática e objetiva, o que reduz os equívocos de compreensão do texto, a monotonia da leitura silenciosa individual, além de causar uma interação melhor entre os leitores e o próprio texto.

Como já foi mencionado, trata-se de uma experiência com os alunos do 5º ano, na qual pretendemos apresentar a leitura dramatizada ou teatralizada, como uma leitura cujas personagens são “vivenciadas” pelos alunos/ atores; como uma leitura interpretativa, na qual se procura representar a fala e as atitudes das personagens.

Também entendo que é notável o valor pedagógico das técnicas teatrais. Um desses valores é a socialização, é a interação que promove nos participantes do grupo atitudes quanto à relação de cooperação, diálogo, respeito mútuo, flexibilidade de

aceitação das diferenças. Tais atitudes são extremamente relevantes para o desenvolvimento global do indivíduo e para o exercício de convivência saudável.

Segundo Márcia Lisboa: "O teatro tem a função de comunicar algo, de contar histórias. Sendo que o teatro tem grandes vantagens, uma delas acontece pelo fato de ser uma arte coletiva em que todos agem em grupo. Isso aproxima e enriquece o ambiente" (2005, p. 11). Durante a minha formação no curso de Licenciatura em Teatro da UAB/UnB, pude reconhecer as vantagens apontadas por Lisboa, sobretudo no que se refere à forte relação grupal que o teatro pode proporcionar. Pensando assim, acredito que as práticas teatrais associadas às técnicas de leitura podem também colaborar para o enriquecimento das relações interpessoais entre os alunos.

Por outro lado, o teatro pode influenciar na maneira de pensar e agir dos alunos, mudando assim seu comportamento diante de situações de crescimento pessoal, dando a oportunidade de se relacionar num determinado grupo social:

O teatro é a imitação concreta do comportamento do homem e, por isso, suscita uma forma concreta de pensar as situações humanas. Além de veículo da transmissão de normas de comportamento e valores para a vida, o teatro é um instrumento de reflexão, um meio de filosofar em termos concretos, um processo cognitivo, daí a sua importância para o homem. Sua ambição é a percepção da natureza da existência, a renovação das forças do indivíduo e a sua conscientização para enfrentar o mundo (ARAUJO, 2006, p.7, *apud* LISBOA, 2010, P.84).

Os aspectos metodológicos que utilizei com os alunos do 5º ano, explicitarão que o trabalho a ser realizado com a leitura e a contação de história tem como foco o próprio fazer teatral, mas que este, por sua vez, não se encerra em si mesmo, a partir do momento que serve de meio para desenvolver a competência leitora e a expressão oral e corporal.

No teatro, há certos cuidados quanto à forma de leitura do texto, que orientam o modo como se deve apresentar e representar os discursos. São cuidados que especificam elementos adequados a uma boa apresentação: o uso da voz, a gesticulação, e a expressão corporal. Dependendo de como sejam utilizados, cada um desses elementos pode beneficiar ou prejudicar a transposição da história escrita para a encenação.

No teatro buscamos o gesto exato de cada personagem, sua voz, seu pensamento, de tal maneira que ele se apresente inteiro para quem esteja assistindo. Na narrativa este personagem será concebido pelo ouvinte através dos elementos oferecidos pelo narrador, muitas vezes não mais que meia dúzia de palavras, as quais fornecem elementos suficientes para que o personagem crie vida na imaginação do ouvinte (BUSATTO, 2003, p.7).

Durante as 10h/aula de oficinas, também conversamos sobre as expectativas deles em relação ao teatro e a leitura, como uma nova maneira de ler sem ser uma atividade monótona e desinteressante, como eles costumavam perceber o ato da leitura. Por outro lado, conversamos também sobre o quanto a contação de história pode estar associada ao teatro, devido, entre outros motivos, exigir técnicas para melhorar o uso dos recursos pessoais, como a voz e o corpo.

De acordo com Patrice Pavis, “a voz está situada na junção do corpo e da linguagem. A voz não trabalha sozinha. Temos um corpo, e nosso corpo é um conjunto, não podemos dividi-lo em voz (órgão que produz som) nem em outra parte” (2007, p. 212- parênteses do autor).

Entendo que esta noção de voz que Pavis propõe hajam pontos de contato com a noção de voz de Gayotto que apresentamos:

Como uma mão invisível, a voz parte do nosso corpo e age, e todo o nosso corpo vive e participa desta ação. O corpo é a parte visível da voz. A voz é o corpo invisível que opera no espaço. Não existem dualidade, subdivisões: Voz e corpo. Existem apenas ações e reações que envolvem o nosso organismo em sua totalidade (GAYOTTO, 2002.p, 25).

Desta maneira percebo que a voz ganha uma qualidade de movimento, a voz expressa as intenções, os sentimentos. O corpo acompanha a voz, com gestos e movimentos. Outro aspecto relevante dentro do teatro e da leitura teatralizada são nossas expressões corporal e facial, pois serão observadas atentamente na hora de uma apresentação, e por isso, é importante a sintonia entre elas e os elementos da história.

Deste modo, compartilho do entendimento de Pavis de Gayotto quanto a voz: acredito que nossa voz não está isolada de nosso corpo e vice-versa, porque corpo e voz precisam estar em harmonia. A importância da voz para a contação de histórias pode ser vista a partir das observações de Lisboa:

Uma narrativa interessante é rica em sons ou ruídos, tem movimentos, variações, voracidade, suavidade, pausas com climas diferenciados. São vários os recursos. Cabe ao narrador selecionar, definir o que considera importante para transmitir a mensagem que vai além do livro e que transcende a palavra impressa (2005.p, 42).

No convívio com os alunos percebo que será necessário na hora da leitura de uma história, que cada aluno assuma um personagem, por meio de uma voz que o

caracterize na história. Mas, para que isso funcione, eles precisarão ter, ao menos, um pouco de domínio da própria voz, da própria história, das passagens entre o a voz do narrador para a das personagens e dos gestos.

Quanto á importância do corpo na contação de histórias, Sisto nos fala que “O corpo tem papel fundamental na transposição da história escrita para a narração oral. O contador se utiliza de gestos, movimentos e expressões faciais” (Sisto, 2005, p.113). Assim, entendemos que nosso corpo pode contar a história por meio da voz e também do movimento. Mesmo que a opção seja ficar sentado enquanto narramos, os movimentos têm sua importância.

Ao falarmos da expressão corporal, é interessante destacar que, ao se ler uma história, é de grande importância à participação integral do corpo, de um corpo vivo, pronto para agir a qualquer hora, um corpo inserido na história, reagindo a ele e com o grupo, dialogando, sentindo suas mudanças.

Precisamos do corpo para tudo. Ele é mais que um instrumento, é o reflexo mais vivo e dinâmico de nossas atitudes e intenções. Vale, portanto, estarmos atentos às expressões corporais e faciais, pois serão observadas minuciosamente por espectadores e ouvintes. Por isso, deve-se valorizar a sintonia entre essas expressões e os elementos da história narrada.

A respeito da importância do corpo na ação teatral, Lisboa nos diz que “o corpo é o instrumento de um contador de história, e é importantíssimo eliminar tensões. Ao relaxar, evitaremos uma sobrecarga e nos livraremos das tensões e dos desgastes” (2010, p. 24). Dessa forma, no início de cada aula, propus a realização de jogos de relaxamento, para que os alunos percebam que todas as partes do corpo precisam estar em sintonia.

Nas aulas práticas do projeto, inicialmente fui a contadora de história, servindo como referência de leitor para os alunos. Para tanto, começarei com “leituras brancas”¹, para que posteriormente os alunos observassem, com mais atenção, o modo como eram apresentadas nas histórias as falas dos personagens. Em seguida, os alunos/atores foram os contadores das histórias e encená-las, conforme veremos os procedimentos no próximo capítulo.

Quanto à integralidade da presença do contador de histórias Sisto nos diz que:

“O contador de história é um todo orgânico que se expressa através da voz, do corpo, das expressões faciais, como resultado de um estímulo

¹ Leitura Branca é a leitura que não temos a preocupação com interpretações ou impostação de voz.

que tem sua raiz no texto contado, mas previamente elaborado em termos de imagens, ritmo, movimento, memória, emoções, silêncio e treinamento” (SISTO, 2005 p. 111).

A definição de Sisto nos faz dar valor à postura do contador de história, o qual além de manter o texto na íntegra, deve dar vida ao texto com suas emoções e sua verdade. Para Maria Lúcia Pupo, por meio do seu corpo, da sua voz, e da interpretação:

O contador de História é visto como produtor de uma narrativa oral teatralizada; ele cria entre si mesmo e os múltiplos personagens que traz à tona, uma relação de exterioridade, senão de estranheza. Seu papel é de trazer ao público a palavra de um outro. O fato de ser uma testemunha que não se identifica com os personagens, mostrados, no entanto, não o condena irremediavelmente a um estilo “neutro” ou “objetivo”. Ele manifesta suas simpatias, faz comparações, tece conjecturas e assim por diante (PUPO, 1997, p. 33).

Pretendíamos que, ao final, os alunos conseguissem identificar de maneira clara a relação entre a contação de história e o teatro, tornando-se a leitura uma atividade imprescindível para a interpretação das narrativas e, portanto, a base dessa relação. Para isso, foi importante analisarmos junto com os alunos, depois de algumas aulas, se os mesmos conseguiram identificar a relação da contação de história com o teatro e a leitura, e em que esses conceitos poderão ajudá-los para uma prática de leitura na qual o corpo seja compreendido integralmente.

A proposta desse trabalho que associa contação de história, jogos teatrais e a leitura em sala de aula pode ampliar as experiências dos estudantes para a percepção de que as diferentes formas de comunicação humana têm pontos de contato e podem se potencializar reciprocamente.

1.2 Contação de história uma associação com o teatro.

A partir de experiências adquiridas no curso que fiz sobre contação de história em 2009, com o foco na leitura, pretendo observar os pontos de associação entre contação de história, leitura e teatro, conforme já observei. Assim, acredito que ao contarmos uma história a partir de habilidades teatrais podemos integrar estas duas formas artísticas e ao mesmo tempo esclarecer os alunos sobre as suas especificidades.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais da arte na educação:

O teatro, no processo de formação da criança, cumpre não só função integradora, mas dá oportunidade para que ela se aproprie crítica e

construtivamente dos conteúdos sociais e culturais de sua comunidade mediante trocas com os seus grupos. No dinamismo da experimentação, da fluência criativa propiciada pela liberdade e segurança, a criança pode transitar livremente por todas as emergências internas integrando imaginação, percepção, emoção, intuição, memória e raciocínio. (PCN, 1997.p, 84).

As atividades de contação de história, juntamente com o teatro, proporcionam aos alunos o desenvolvimento de liberdade ao se expressarem, de modo que no trabalho com a contação, uma história pode ser retratada da maneira que é entendida e vivenciada pelo aluno.

Sabe-se que, para participar de atividades teatrais baseadas em textos teatrais, é necessário fazer muita leitura, conhecer bem o texto. E não é diferente com a contação de história, podemos usar várias técnicas de leitura para aprendermos melhor a história, assumimos personagens, mudamos a voz, fazemos gestos com o corpo, com o rosto, há uma interação com o grupo e com a platéia.

Por outro lado, as histórias costumam despertar nas crianças a curiosidade e o imaginário. No teatro, eles vivenciam esse momento, através da materialização cênica, caracterizada pelas ações dos alunos.

Assim, tanto para a contação de história quanto para o teatro, foram aplicados durante as aulas exercícios corporais jogos dramáticos e atividades individuais e grupais. A contação de histórias e os jogos teatrais possibilitaram um espaço de aproximação e apreensão dos principais elementos do teatro através da linguagem dos jogos de maneira lúdica e prazerosa, atividades estas imprescindíveis ao processo de desenvolvimento do aluno. A experiência com os jogos e suas inúmeras possibilidades estéticas e criativas impulsionaram o contato com as várias formas de comunicação e expressão promovendo a sensibilização e desinibição dos alunos, através de improvisações, dramatização, exercícios corporais e vocais.

De acordo com Viola Spolin, “todos podem atuar, basta penetrar no ambiente e envolver-se física, intuitivamente e intelectualmente. O teatro é uma arte democrática, basta vontade e dedicação. Ele permite as crianças compreender e representar o mundo ao seu redor” (2005, p. 28). A partir desta observação de Spolin e das atuais experiências neste Trabalho de Conclusão de Curso, compreendi que todos podem atuar independente de idade, de ano escolar, através dos jogos teatrais eles puderam expressar as histórias de maneira clara e objetiva.

Observamos que o projeto caracterizou-se por propostas que favoreceram a aprendizagem significativa, pois criou nos alunos uma motivação em relação à leitura de história e o fazer teatral e tiveram a oportunidade de trabalho com autonomia. Pois na hora da contação de história eles não queriam simplesmente ler, percebiam a necessidade das expressões corporais e vocais para dar o devido significado para as histórias. Conforme Lisboa:

Na história não basta falar, temos também de interpretar, envolver a mensagem de sentimentos, de intenções, de nossas percepções. Interpretar é imprimir significados às palavras, e isso se realiza por meio do modo como as falamos como nosso corpo e nossa voz reagem e como damos significado a movimentos (2005, P.28).

Como está explícito na citação acima, se o aluno articula devidamente as expressões orais, compreendemos que o mesmo aceitou as devidas regras expostas nas contações de histórias e no teatro, pois em ambas as linguagens, precisamos identificar suas próprias regras.

Durante todo esse processo, foram proporcionadas aos alunos experiências que poderão contribuir para o crescimento educacional e pessoal de cada um. Pois eles tentaram compreender o teatro como ação coletiva, na qual não há como trabalhar sozinho, pois necessitamos dos outros. Assim como na contação de histórias que o contador, mesmo sozinho, precisa das pessoas que irão escutar sua história. Ambas linguagens exigem que haja dos participantes socializações, interação e acima de tudo respeito mútuo.

Outro aspecto a ser considerado entre a contação de história e no teatro é que ambos podem servir como fontes de criação e desenvolvimento. Ambos podem favorecer tipos de aprendizagem bem parecidos: no teatro e na contação podemos trabalhar com um texto, apresentamos atitudes vocais e gestuais, existem regras e, em ambos, a imaginação esta fortemente presente.

1.3. Aspectos metodológicos

Para cumprir os objetivos propostos para este trabalho, seguimos vários passos. O primeiro deles foi à utilização de jogos teatrais, como metodologia para despertar nos alunos habilidades de observação, oralidade, organização de grupo, obediência às regras e socialização.

Vale ressaltar que Spolin nos mostra a importância dos jogos teatrais de dramatização como ferramentas educacionais, baseadas em regras:

Os Jogos Teatrais pressupõem um conjunto de regras acordadas pelo grupo e instruídas por um Orientador. No desenvolvimento, permite aos Jogadores, como são chamados os participantes do Palco e da Platéia, o aperfeiçoamento de seu Jogo Cênico por meio de Sessões de Trabalho onde cada exercício propõe problemas que serão resolvidos e avaliados pelos envolvidos (SPOLIN, 2001. P, 11).

Spolin apresenta uma série de tipos de jogos teatrais: jogos de improvisação, de ação, de foco e de dramatização, sendo este último o foco desta primeira etapa de trabalho. Posso afirmar que, por meio dos jogos teatrais, foi possível despertar nos alunos um maior interesse pela contação de história.

Já em um segundo momento, realizamos o trabalho de mesa, que caracteriza-se por ser um momento de análise, de socialização, em que a professora e o grupo de alunos/atores fazem a leitura do conto sentados, em conjunto. Nessa fase, a história não foi encenada, apenas lida.

Já o terceiro passo foi marcado pela leitura dramatizada, baseada nas indicações cênicas e nas falas. O trabalho de leitura dramatizada se desenvolveu por meio de aulas e análise. Durante o processo diversas atividades foram desenvolvidas, desde leitura até a encenação de pequenas histórias.

Cabe lembrar que contar história é uma ação diária que realizo com minha turma, mas a associação com o teatro, só foi possível agora com a realização do projeto. Durante a realização do projeto, fizemos à seleção de histórias de vários autores, conforme quadro abaixo. Um dado importante é que todos os livros escolhidos são do acervo da escola, o que facilitou o trabalho, pois estavam disponíveis em todas às 10 horas/aulas, que delimitaram o tempo do projeto. O quadro a seguir retrata a organização do uso do material de leitura pela turma.

Sessão	Dia	Título do Livro	Autor
01	01/10/2012	Sete Histórias para sacudir o esqueleto - “Caio”	Ângela Lago
02	02/10/2012	Festa no céu	Ana Maria Machado

03	03/10/2012	Lenda: O mapinguari	Enilson Amorim
05	05/10/2012	Contos de Bicho do Mato	Ricardo Azevedo
06	08/10/2012	Nabo Gigante	Aleksey Tolstoi
07	09/10/2012	O pote vazio	Demi
08	10/10/2012	Como os dinossauros dizem boa noite?	Mark Teague e Jane Yolen
09	11/10/2012	Dona Baratinha	Ana Maria Machado
10	12/10/2012	Contos de Grimm - "Branca de neve" e "A inteligente filha do camponês".	Heloisa Jahn (Trad)

A coleta de dados foi realizada através de um questionário aberto final, que foi elaborado seguindo métodos apropriados como, questionários com perguntas claras e objetivas, respostas individuais, para a turma do 5º ano A.

A análise dos dados tem caráter qualitativo. As perguntas dos questionários foram abertas para facilitar as respostas dos alunos, tendo 8 perguntas, as quais foram previamente elaboradas e dispostas na melhor sequência, na forma mais agradável possível para facilitar o preenchimento e devolução.

Pela análise das respostas, pude compreender que a pesquisa com a minha turma foi uma base de enriquecimento tanto para mim, como futura profissional de ensino de Artes Cênicas, quanto para meus alunos, que aprimoraram sua competência leitora de compreensão e de representação oral e cênica das histórias. Ademais, nas aulas consequentes, os alunos se mostraram muito motivados para estudar novos assuntos.

Enfim, acredita-se que, depois da realização deste trabalho, os alunos possam reconhecer a relação da contação de história e a leitura com o teatro.

2. CAPÍTULO 2: EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS

Apresentarei neste capítulo questões relacionadas à realização de experiências práticas e a análises dos resultados obtidos a partir do desenvolvimento do projeto.

Um aspecto bastante relevante no trabalho proposto é a observação de que arte de contar história faz parte de nossas vidas, em casa, nas escolas, nas ruas, as histórias estão em todos os lugares. Para que a contação de história seja mais atraente em sala de aula, parti da leitura para o trabalho da expressão verbal dando ênfase no teatro, assim os alunos leram as histórias assumindo os personagens, trabalhando a voz e os gestos de acordo com os acontecimentos das cenas.

Identificamos grandes semelhanças entre o contar histórias e o fazer teatral, pois os dois exigem a utilização de expressões verbais e corporais como meio de comunicação. Dessa forma, através das expressões verbais e corporais, foi possível uma melhor compreensão e assimilação do conteúdo levando os alunos a aprendizagem de conceitos, problemas e conteúdos referentes à história, em outra possibilidade didática.

Em seguida abordei de forma mais abrangente alguns aspectos da contação de história que são relevantes como às técnicas para se contar bem uma história, que creio terem contribuído para a realização dos objetivos da pesquisa.

No início do projeto achei necessário fazer algumas reflexões com os alunos sobre o que eles sabiam sobre o teatro a contação de história e a leitura através de conversas informais. No início eles demonstraram incertezas quando fiz algumas perguntas como: o que é teatro para vocês? Já ouviram falar de jogos teatrais? Fora do ambiente escolar vocês escutam histórias? As perguntas para alguns geraram certo nervosismo.

Como já havia citado no capítulo anterior, tais objetivos desse trabalho se concretizam na expectativa de experimentar a prática de contação de histórias, como um eixo interdisciplinar para a aprendizagem de elementos teatrais e para o estímulo da prática de leitura. Acredito que existam elos entre a leitura, a contação de história e o teatro, por isso achei importante a realização deste projeto e o aprofundamento sobre este tema em meu Trabalho de Conclusão do Curso.

Pela minha experiência no contexto escolar, entendo que o teatro proporcione aos alunos várias experiências de vida, bem como conhecimento, ideias e sentimentos. Tendo em vista que o meu compromisso será de levar para os alunos uma educação de qualidade voltada para a construção de conhecimento, no contexto escolar pede

necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e das responsabilidades em relação à vida pessoal dos alunos. Assim, meu desafio será o de abrir espaço aos mesmos com relações voltadas para o fazer teatral no ambiente escolar.

Quanto ao potencial do teatro no contexto escolar, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Através do teatro no contexto escolar, pretende-se avaliar se o aluno sabe organizar-se em grupo, ampliando as capacidades de ver e ouvir na interação com seus colegas, colaborando com respeito e solidariedade, permitindo a execução de uma obra conjunta. Se sabe expressar-se com adequação, tendo o teatro como um processo de comunicação entre os participantes. (PCN, 1997.p, 99).

No teatro não trabalhamos isoladamente, é preciso trabalhar coletivamente, permitindo que os alunos percebam o teatro como uma ação coletiva.

É importante comentarmos neste capítulo sobre a importância da leitura também para o próprio teatro, pois o primeiro contato com o texto teatral se dá através de uma leitura individual ou grupal. Sobre a definição ampla de leitura Aguiar afirma:

Podemos definir a leitura como uma atividade de percepção e interpretação dos sinais gráficos que se sucedem de forma ordenada, guardando entre si relações de sentido. Ler assim não é apenas decifrar palavras, mas perceber sua associação lógica, o encadeamento dos pensamentos, as relações entre eles e o que é mais importante, assimilar as ideias e as intenções do autor, relacionar o que foi apreendido com os conhecimentos anteriores sobre o assunto, tomando posições com espírito crítico e utilizar conteúdos adquiridos em novas situações (204, p.61).

Durante as aulas, solicitei para os alunos realizarem a leitura das histórias. Vale ressaltar que durante todo o processo eles leram várias histórias, para depois escolherem, a história com a que mais se identificavam. Sendo que algumas vezes a escolha das histórias eram feitas pelos próprios alunos.

Desta forma, como processo metodológico, o presente trabalho com os alunos foi realizado da seguinte maneira: em primeiro lugar foi feito um levantamento prévio com os alunos a cerca do teatro, contação de história, jogos teatrais e leitura teatralizada. Em seguida conversamos sobre a importância dos jogos teatrais em especial os jogos dramáticos. Disse a eles que, por meio desses procedimentos podemos trabalhar as expressões verbais e corporais e as necessidades de respeito às regras tanto no ambiente escolar, quanto na vida social.

Na obra de Spolin de título: Jogos Teatrais na sala de aula: O livro do professor (2007), o trabalho dos jogos teatrais é disposto para o contexto escolar, ou seja, para a sala de aula, considerando a forma como os alunos reagem às regras dentro dos jogos teatrais na sala de aula e fora do seu convívio escolar.

O pensamento da Spolin pode ser confirmado através da experiência desta pesquisa, pois, através dos jogos, os alunos puderam perceber que precisamos de regras em tudo, e nada melhor do que vivenciar tudo isso na prática. Foi por isso que resolvi trabalhar com os jogos teatrais nas minhas aulas e fazer com que os alunos compreendam que as regras são indispensáveis em nossas vidas.

2.1- Aulas Desenvolvidas

Em todas as aulas dedicadas a este projeto, iniciamos o nosso encontro com uma conversa sobre os objetivos da aula. Sobre as expectativas que os mesmos tinham em relação ao que iria acontecer.

Em seguida, era feita a seleção da história com a qual iríamos trabalhar. Algumas vezes, essa seleção era feita pelos alunos, outras vezes por mim.

Um terceiro momento da aula foi o trabalho sobre um ou mais jogos teatrais. Os jogos eram selecionados conforme as histórias. Antes de todos os jogos, fazíamos exercícios de relaxamento e alongamento para que o corpo estivesse preparado para os jogos, sendo que a seleção dos jogos era feita por mim, pois os alunos não os conheciam.

Depois, partíamos para leitura em voz alta da história, na qual o aluno que estava lendo, vivenciava as ações dos personagens. E, finalmente, trabalhamos a contação de histórias propriamente dita.

Durante as aulas também foram realizados vários jogos dramáticos da Viola Spolin, “Futebol imaginário”, “Contar através de mímicas a história de outra pessoa”, “Prática do remo” (ver imagem no apêndice XIII). Na hora dos jogos quase todos os alunos queriam participar, pois acharam bastante gratificante e pediram até para ter mais.

Os jogos teatrais proporcionaram aos alunos uma melhor relação individual e coletiva, facilitando assim, a leitura e as expressões verbais e corporais de cada um, pois percebi depois da realização dos primeiros jogos que todos queriam participar e até ler as histórias de forma teatralizada.

Não posso negar que foi preciso fazer várias modificações do que havia planejado para realização das aulas. Uma destas modificações deu-se em relação às histórias. Não foi possível contar as histórias “Os Dinossauros Dizem Boa Noite” de Mark Teague e Jane Yolen devido ao fato de os alunos não terem interesse por ela. Um dos alunos falou “essa história é para crianças menores, acho melhor mudar”, assim tivemos que escolher outra história. Nessa aula apesar de ter ocorrido essa mudança os objetivos foram alcançados. Consegui passar o que queria e não era desisti diante dos obstáculos.

Confesso que o meu maior desafio foi fazer com que duas alunas participassem das atividades desenvolvidas, falei da importância da leitura, do teatro para nossa vida, enfim, não forcei. De repente quiseram participar dos jogos, mas falei que para participar dos jogos elas teriam que escolher um dos livros já selecionados para contar uma história e interpretar, elas aceitaram o desafio. Creio que toda a sala tenha percebido que devemos trabalhar em conjunto.

É importante analisarmos que a presença da perspectiva narrativa para os alunos do 5º ano abre espaço para a compreensão da própria realidade deles. Por outro lado, os jogos teatrais deixam de ser, prioritariamente, a solução de problemas de atuação ou de aspectos da aquisição da linguagem teatral e passam a ser um espaço de confrontação de ideias e possibilidades para esses alunos que também usufruem do fazer teatral.

No final da aula uma das alunas citada acima, me procurou para agradecer e falou que “Tenho traumas de anos anteriores, e notei que através dos jogos eu posso acabar com isso”. Ela não gostava de falar em público, tinha medo devido uma professora ter lhe repreendido diante de todos, e a mesma ficou com muita vergonha, isso foi muito gratificante, pois através do teatro os alunos deixam de lado a timidez, a socialização acontece melhor.

A superação dessa aluna em falar ao público me fez refletir sobre o quanto o teatro proporciona possibilidades de crescimento, gerando assim no aluno o envolvimento com as atividades teatrais e o conseqüente envolvimento do professor. Isso justifica que o teatro pode ser de grande valia no contexto escolar, gerando assim, futuras transformações e superações das dificuldades encontradas.

2.2- Desenvolvimento

No dia 01/10/2012 deu-se início ao projeto. No primeiro jogo realizado na sala os alunos fizeram a maior confusão, uns queriam passar na frente dos outros, não davam espaço para alguns falarem, então foi preciso explicar as regras e os objetivos na hora de realizá-los.

Como já havia mencionado acima, neste trabalho foi utilizado o questionário aberto, com a intenção de envolver os alunos no processo educacional a respeito de como eles vêem a relação entre teatro e contação de história. Para Emerson Lages:

O questionário é o veículo de pesquisa que utiliza impressos preparados para receber respostas a todas as perguntas necessárias a um levantamento, as quais foram previamente elaboradas e dispostas na melhor sequência, na forma mais agradável para facilitar o preenchimento e devolução (1998, P.15).

O questionário aberto é a maneira de recolher informações com facilidade, relatos que sejam mais exatos e precisos, dando aos alunos a oportunidade de expressar suas opiniões e ideias a respeito do assunto tratado.

Tal questionário, foi aplicado na sala de aula, depois da realização do projeto, onde todos se reuniram e receberam as devidas instruções para o preenchimento. Também deixei clara para eles a importância da participação e contribuição deles para o meu Trabalho de Conclusão do Curso. Todos se mostraram bastante interessados e satisfeitos e disseram não ter encontrado dificuldades em responder as questões.

Inicialmente foi feito por mim uma explicação de como seria todo o processo das aulas, bem como as escolhas das histórias, os jogos dramáticos, as leituras, tudo com regras e limites, a fim de que todos entendessem claramente o processo de cada aula. Sendo que, na oportunidade, foi feita uma explicação sobre o que são jogos teatrais para que os mesmos compreendessem o que estão realizando, bem como os objetivos de cada jogo.

Depois de terem selecionado a narrativa, fiz a seleção do jogo dramático da Viola Spolin, achei necessário a aplicação desse jogo devido a falta de interação que estava havendo no início das aulas. O jogo foi o seguinte: “Ilustrar uma história” (ver imagem no apêndice XIII). O grupo foi dividido em duplas. Em cada uma das duplas uma pessoa ficou responsável por contar uma história que lhe aconteceu e outra dramatizar os fatos da história.

Depois da encenação, a pessoa que teve a sua história encenada deve compartilhar com o grupo qual a diferença entre a forma que a pessoa encenou a história e como foi o desenvolvimento da história real.

No dia 05/10/12 fiz uma nova sugestão para os alunos: dividi a sala em dois grupos e pedi que os mesmos escolhessem no acervo da escola dois livros, cada grupo fazendo sua escolha. Depois de selecionadas as narrativas, selecionamos os jogos dramáticos para os mesmos realizarem. Depois de terem feito a leitura e os jogos, novamente fizemos a mesma leitura em voz alta para podermos verificar o que modificou, se houve ou não um avanço feito da primeira leitura com a segunda.

As atividades foram realizadas grupal e individualmente, mas também tive o cuidado de evitar que os alunos mantivessem sempre os mesmos grupos, estimulando a diversificação de tais grupos, a fim de garantir maior interação entre os alunos.

Mais uma aula de sucesso, dessa vez eu li a história, “A lenda do Mapinguari” do autor acreano, Enilson Amorim em seguida perguntei quem gostaria de ler à mesma história (ver imagem no apêndice XIII). Tivemos um voluntário e depois de termos feito as leituras perguntei para os alunos se eles perceberam as diferenças. Um dos alunos afirmou que “sim, a professora usa expressões verbais e corporais e o nosso colega não”. Disse aos alunos que os mesmos também podem ler como eu li, mas precisam apreender algumas técnicas teatrais e terem consciência de que o corpo funciona como um instrumento para quem conta uma história.

O contador, a todo o momento, brinca com as palavras, imaginação, sentimentos, e por alguns instantes, deixa de ser ele mesmo para vivenciar um pouco da vida do personagem. Acredito que essa transposição se dê pelo fato de que na hora da contação de história vivenciamos os personagens, passando da ficção para o real. E assim aconteceu com alguns alunos nas aulas.

Por isso é indispensável, que antes de contar uma história ou de realizar jogos teatrais, façamos um relaxamento para que o corpo se desprenda de todo o cansaço, que possamos relaxar ao realizá-los. Pois muitas vezes precisamos eliminar tensões do nosso dia-a-dia.

As histórias e os jogos teatrais são mecanismos que ajudam a quebrar a rotina, deixando o aluno relaxado na hora da leitura, chegando a influenciar na sua maneira de pensar e agir, ajudando a se desprender de grandes preocupações.

O que mais me chamou atenção durante as aulas do projeto, foi que logo eles conseguiram relacionar a contação de história com teatro, e, acima de tudo,

identificaram que a leitura em voz alta é de extrema relevância para uma apresentação em público.

Para Márcia Lisboa “A voz é o nosso instrumento de trabalho e, com ela, comunicamos. Quando falamos, nosso desejo é que nossa mensagem seja transmitida, recebida e entendida pelo ouvinte” (2005. P.28). Os alunos observaram que a voz a partir de seus elementos constituintes como som, como a duração, a intensidade e o timbre, a frequência, podem facilitar a criação de sentidos em uma leitura e em uma apresentação teatral ou na contação de história.

Vale ressaltar que durante as aulas muitos alunos não estavam dando importância para voz, com isso foi preciso fazer alguns exercícios como, alongamento da sílaba tônica, entre outros. Fiz questão de levar a citação acima e ler para eles a importância da voz e os cuidados que devemos ter com a mesma, e tive resultados positivos, pois eles perceberam a intensidade que foi preciso usar nas histórias.

Mas, não é só com a voz que devemos ter essa preocupação e sim, com todas as partes do nosso corpo. Foi realizado mais um jogo, que se chama “Escultura” do fichário da Viola Spolin, para aprenderem a valorizar o corpo.

Como os alunos já estavam bem integrados resolvi realizar mais um jogo com eles, que se chama: “Todos no espaço” da Viola Spolin, no qual improvisamos em um espaço determinado, demandando um corpo alerta e presente.

Solicitei aos alunos que caminhassem pelo espaço, atentos para não encostarem uns nos outros. Dei as seguintes instruções: “Não andem em círculo”, “Preencham todos os espaços”, “Não se concentrem em um só lugar”, “espalhem-se”, “Não conversem, pensem apenas em caminhar pelo espaço”, “Concentrem-se no exercício”. Para que ficasse mais interessante resolvi levar um apito. Queria ver se eles estavam realmente concentrados, sendo que condicionei as mudanças em volta do espaço, através dos toques de apito. Assim, pude testar a atenção dos alunos e criar códigos com os toques de apito para cada mudança. Por exemplo: Um som de apito - caminhar rápido. Dois sons de apitos - correr. Três sons de apitos - agachar. Um som de apito longo - parar.

Através da prática desse jogo e conversas, foi possível chegar a essa conclusão de que os alunos percebessem que tanto nos jogos teatrais, como no teatro e na leitura precisamos de concentração, esse jogo foi feito várias vezes, pois na primeira vez não conseguiram fazer. Esse momento foi o mais marcante de todas as aulas.

Logo em seguida, tivemos mais outra contação de história, “Dona Baratinha” da autora Ana Maria Machado, só que dessa vez invés de um aluno ler, eles leram em

grupo, devido à história ter vários personagens. Foi preciso usar estratégia como o uso da expressão vocal e corporal, sendo técnicas teatrais para verificar se eles compreenderam a importância de utilizarem recursos da linguagem teatral na hora de uma apresentação.

Durante as aulas foram levantadas várias questões com relação ao ‘como’ eles vêm a escola antes do projeto desenvolvido por mim e como eles a vêm agora. Um dos alunos relatou que “foi bom, pois nunca tinha estudado teatro antes na sala de aula”.

Então resolvi fazer um paralelo por meio de conversas explicativas entre a contação de história e o teatro. Afirmaram que “agora sei o que é realmente teatro, e sei que na contação de história se eu quiser pode virar teatro”.

Quando eles citam que gostaram do projeto devido nunca terem estudado teatro na sala de aula, faz com que eu acredite que o teatro é uma grande força de incentivo e mobilizadora para fixar conteúdos curriculares, sendo possível criar inúmeros objetos educacionais por meio pedagógico.

Além de o teatro possibilitar interação, socialização, o mais interessante que em algumas histórias eles associavam no término com as coisas que aconteciam no dia- a – dia deles, se nunca tinham parado para analisar. Essa associação se dava pelas histórias deles, o que aconteciam na realidade de vida de cada um. Por exemplo, a história se passa em um castelo enorme, eles mostravam uma casa pequena e simples.

O que mais me chamou atenção durante essas aulas, foi poder ter passado para os alunos que o teatro apresenta ações e as narrativas as descreve. Como já foi mencionado o teatro nos proporciona a imaginar os personagens, sendo que nas narrativas nos apropriamos dos elementos do teatro.

No teatro buscamos o gesto exato de cada personagem, sua voz, seu pensamento, de tal maneira que ele se apresente inteiro para quem esteja assistindo. Na narrativa este personagem será concebido pelo ouvinte através dos elementos oferecidos pelo narrador, muitas vezes não mais que meia dúzia de palavras, as quais fornecem elementos suficientes para que o personagem crie vida na imaginação do ouvinte (BUSATTO, 2003, p.74).

Considerando a realidade dos alunos acredito que os mesmos compreenderam a importância da leitura tanto no ambiente escolar, quanto no teatro. Sabem que para fazerem uma boa apresentação precisam se apropriar do texto, e ter que lê-lo várias vezes para poder se familiarizar com o assunto em que se vai interpretar.

No final, era dessa forma que eles estavam fazendo, pois usaram as técnicas teatrais de maneira eficiente e perceberam também que sem elas não dá para fazer um bom trabalho. Leram muito, ouviram histórias que não conheciam, viajaram por países distantes sem sair da sala.

2.3- Análises dos Resultados e Objetivos Propostos

Nas primeiras aulas, apesar de já ter contato com os alunos, alguns se mostraram um tanto tímidos, em participar de apresentação com público, através dos jogos teatrais e das leituras das narrativas eles perderam essa timidez.

Foi possível detectar no questionário que alguns alunos não tinham noção de teatro e nem dos jogos teatrais. Mas em relação à contação de histórias afirmaram que tinham contato com algumas, na escola.

Após o final de cada aula, fazíamos roda de conversa onde foi possível verificar que eles conseguiram relacionar esse encontro “quando falamos em encontro fazemos da relação que existe entre as três partes envolvidas” que existe entre o teatro, a contação de história e a leitura. Podemos hoje chamar as aulas de “encontros”, pois durante todas as aulas esses três conceitos andaram juntos. Os resultados foram positivos, conseguiu-se realmente fazer com que a contação de história e a leitura, associadas aos jogos teatrais ficassem diferentes do que eles costumam vivenciar.

Iniciei da leitura para o trabalho da expressão verbal e seguir logo para o teatro, sendo que na hora que eles iam contar as histórias elaboraram de forma precisa os personagens. Nessa etapa os alunos liam as histórias, para poder se familiarizar com o assunto, para se certificar da mensagem principal.

A propósito, depois de algumas aulas, eles aprenderam as histórias e podiam contá-las sem ter que ler. Várias vezes modificávamos os papéis, em um momento eu era a narradora, lia a história e algum aluno assumia as falas dos personagens, em outros momentos eles faziam esse processo e eu só era telespectadora.

Recordo-me que, nas últimas aulas, eles já tinham um melhor domínio das histórias. Eu pedi a eles que não lessem somente na escola, que fizessem leitura em casa também, pois iria nos ajudar bastante. Os mesmos também utilizavam recursos como às expressões corporais para incrementar as narrativas.

Enfim, neste trabalho pretendi verificar, a partir de fundamentos teóricos, práticos e relatos dos próprios alunos, a possibilidade de se usar o teatro como uma

ferramenta de construção de aprendizagem para a contação de história e a leitura com os alunos do 5º ano. Os resultados foram todos positivos, pude alcançar meu objetivo, que eram arriscar nesse encontro do teatro, com a contação de história e a leitura, vale reafirmar que a experiência proporcionou sim aquilo que foi sugerido desde o início do meu trabalho.

CONCLUSÃO

Após a realização desse estudo, chegou-se à conclusão de que são notórias as relações entre a contação de história, o teatro e a leitura. É de suma importância, pois vejo o teatro como uma arte, sendo que durante o projeto foram trabalhados vários jogos teatrais que contribuíram para o processo do ensino aprendizagem dos alunos.

Vale ressaltar que o teatro apresenta muitos elementos que favorecem à educação: através dos jogos teatrais, por exemplo, os alunos conseguiram alcançar disciplina, autoconfiança e interação. Eles aprenderam a usar as técnicas teatrais de forma correta como as expressões vocais e corporais. Sendo assim os jogos podem e devem se tornar um grande aliado na aprendizagem dos mesmos, mais um recurso para o trabalho pedagógico, tornando melhor a relação ensino-aprendizagem dos alunos. Acredito assim, que os jogos teatrais possam oferecer subsídios para o trabalho pedagógico do professor e a aprendizagem dos alunos.

Durante toda a trajetória deste trabalho, pode-se observar o quanto à teoria me favoreceu na hora das aulas práticas, pois tive argumentos para a aquisição de novos conhecimentos em relação ao tema em estudo. Para que o trabalho realizado com os alunos tivessem resultados positivos foi preciso de muita teoria. Nesse aspecto tive o auxílio de vários autores como Márcia Lisboa, Viola Spolin, Celso Sisto e dentre outros que fizeram com que eu e os alunos compreendêssemos a relevância do papel do teatro entre a contação de história e a leitura.

Enfim, todo o conjunto de oportunidades, bem como de socialização, interação, ideias, dentre outros que somaram de forma significativa, para o crescimento pessoal dos alunos, e contribuíram para a melhoria da minha formação intelectual e, conseqüentemente, me proporcionou uma experiência prática, com maior reflexão lógica, crítica e social.

É, também, importante esclarecer que a experiência proporcionou sim, aquilo que eu esperava que fosse fazer com que os alunos vivenciassem essa experiência como um eixo interdisciplinar para a aprendizagem de elementos teatrais e para o estímulo da prática de leitura, possibilitando diversas formas de trabalhos individuais e coletivos.

Considerando-se a relevância e abrangência da experiência interdisciplinar, espera-se, com este trabalho, que os alunos ao participarem de atividades teatrais,

tenham a oportunidade de se desenvolver dentro de um determinado grupo social de convivência com os outros e com uma nova cultura das Artes Cênicas.

Acredito que, a partir desse trabalho, a escola possa ser estimulada a viabilizar para os próximos alunos, a leitura teatralizada, e traga para sua comunidade escolar atividades teatrais, para que no futuro, os mesmos possam apreciar o teatro como uma experiência para o crescimento integrado de cada um.

Suponho que o plano de curso escolar da Escola Guttemberg Modesto da Costa possa continuar esse trabalho, pois, as propostas educacionais devem compreender a atividade teatral, sendo que são atividades lúdicas e criativas baseadas em uma experimentação e na compreensão de estímulos para o processo de aprendizagem dos alunos.

Entendo que os jogos teatrais podem fazer parte das aulas de arte da referida escola, pois os mesmos têm caráter educacional e proporcionam aos alunos socialização, estímulo um domínio maior do corpo, atenção, observação, concentração, enfim uma série de elementos que favorecem tanto a vida escolar desses alunos quanto a vida social.

Enfim, quanto aos resultados obtidos, acredito que os meus objetivos foram alcançados, pois no decorrer das últimas aulas percebi que esse conjunto de atividades proporcionou condições para um crescimento pessoal, como coragem de apresentar trabalhos na frente, expressão individual e coletiva de trabalhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Alcione. *Proposta de Leitura do mundo através da Narrativa Dramática*. Rio de Janeiro: Argus, 2006.

AGUIAR, V. T. de. Conceito de leitura. In: CECCANTINI, J. L. C. T.; PEREIRA, R. F.; ZANCHETTA Jr. (Org.) *Pedagogia cidadã: cadernos de formação: Língua Portuguesa*. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004. (vol. 1) p. 61-75.

BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LABES, Emerson Moisés. *Questionário: do planejamento à aplicação na pesquisa* - Chapecó: Grifos, 1998.

GAYOTTO, Lucia Helena. *Voz Partitura da Ação*: 2. ed.- São Paulo: Plexus Editora, 2002.

LISBOA, Márcia. *Para contar História: Teoria e pratica*. Rio de Janeiro. Wak Editora, 2010.

NACIONAIS, Parâmetros Curriculares: *Arte*, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/ SEF, 1997.130p.

PUPO, Maria Lúcia. *Palavras em jogo: textos literários e teatro -educação*. Tese de Livre Docência – Escola de Comunicação e Artes (ECA), Universidade de São Paulo – USP, 1997.

PAVIS, Patrice, *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SPOLIN Viola. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SPOLIN, V. *Improvisação para o teatro*. (I. D. KOUDELA, Trad.) São Paulo: Perspectiva, 2000.

SPOLIN, Viola. *Jogos Teatrais / Viola Spolin*; Tradução de Ingrid Dormien Koudela. – 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

SPOLIN, Viola. *Jogos Teatrais na sala de aula: O livro do professor*. São Paulo. Perspectiva, 2007.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Curitiba: Positivo, 2005.

_____. ” *Palavras em jogo: Textos Literários e Teatro-Educação* ”.Retirada da Tese apresentada à escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo como requisito Parcial para obtenção do título de Livre-docente,1997.

APÊNDICE

Apêndice – A

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA ENTRE O TEATRO E A LEITURA: UMA EXPERIÊNCIA NO 5º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL GUTTEMBERG MODESTO DA COSTA.

Esse questionário, que agora chega às suas mãos, é fruto de um trabalho desenvolvido por à aluna Fátima Bezerra da Silva do curso de Teatro da Universidade de Brasília UnB/UAB. Desejamos colher informações sobre o trabalho que realizamos junto a vocês sobre a prática teatral, a contação de história e a leitura.

Completem as seguintes frases:

1. Contar histórias para mim é:

2. Fazer teatro ou participar de jogos teatrais para mim é:

3. Ler em voz alta, para outras pessoas, para mim é:

4. Ler silenciosamente, para mim é:

5. Contar histórias e fazer teatro tem, entre si, algo em comum por que:

6. Contar histórias e fazer teatro são coisas diferentes por que:

7. Ler em voz alta e fazer teatro tem entre si algo, em comum por que:

8. Ler em voz alta e fazer teatro são coisas diferentes por que:

Nome do Aluno

Apêndice – B

Plano de Aula

IDENTIFICAÇÃO

PROFESSOR:

Fátima Bezerra da Silva

ESTABELECIMENTO:

E.M.E.F.Guttemberg Modesto da Costa

DISCIPLINA:

Arte Cênica

CONTEÚDO:

Contação de história, jogos teatrais e leituras.

SÉRIE:

5° ano

CARGA HORÁRIA:

10 horas / aulas.

TEMA:

Contação de história, teatro e leitura.

Faixa Etária:

Alunos entre 09 e 15anos.

OBJETIVO GERAL:

Investigar junto aos alunos da 5° série a relação entre teatro e contação de história e a leitura, na escola Guttemberg Modesto da Costa.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Promover aulas de contação de histórias.
- Identificar o teatro como uma função de comunicar.
- Divulgar a importância do hábito de leitura também no teatro.
- Utilizar as expressões verbais e corporais nas narrativas.
- Desenvolver alguns jogos teatrais;
- Agir de acordo com as regras expostas pelos jogos teatrais.

RECURSOS METODOLÓGICO:

1-Livros.

2-Sala Ampla.

3- Fichário da Viola Spolin.

AVALIAÇÃO:

Iremos fazer uma reflexão do que foi estudado e a importância da contação de história entre o teatro e a leitura para o processo de aprendizagem dos alunos da 5° série. A interação dos alunos servirá como avaliação dos mesmos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

NACIONAIS, *Parâmetros Curriculares: Arte*, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/ SEF, 1997.130p.

SPOLIN Viola. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

RELATÓRIO DAS AULAS

PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS:

Em primeiro lugar irei iniciar as aulas tendo uma conversa informal de aproximação, e identificar se os mesmos já conhecem o assunto. Logo depois explicar que iremos ter uma aula diferente, vamos conversar sobre contação de história entre o teatro e a leitura, irei informar que a leitura é diferentes dessa que eles costumam fazer nas aula e se os assuntos lhes interessam.

Trabalhar a criatividade é uma forma de deixar qualquer aula mais dinâmica e proveitosa, pois incentiva os alunos a participarem com maior dedicação. Irei utilizar a criatividade através de jogos teatrais do fichário de Viola Spolin.

Situações de roda de conversas, em que os alunos possam expor sua compreensão sobre o assunto. Conhecimento prévio e análises da história e leitura de textos.

1º Aula / 01/10/2012.

O processo de ensino e aprendizagem será desenvolvido a partir das experiências e do conhecimento prévio do aluno para chegar à sistematização do conhecimento. Será levando em conta o contexto em que estão inseridos os alunos. No primeiro momento será feito uma apresentação para quebrar o gelo. Irei falar um pouco sobre meus objetivos, como serão feitas as aulas, serão realizados também jogos teatrais, leituras, contação de história. Vale lembrar que antes de iniciar os jogos devemos nos preparar, ou seja, nos alongar. Sendo que o mesmo é uma preparação do corpo para as aulas de teatro, sem ele fica impossível à realização dos exercícios que virão na seqüência. O alongamento proporciona uma melhor flexibilidade do corpo e representação do esquema corporal. Foi feito à leitura da história Sete Histórias para sacudir o esqueleto- “*Caio*” de Ângela Lago

Apresentação

Forma-se um círculo precisamos de uma bola para que seja arremessada , onde cada um fala seu nome, e sobre o teatro. E assim vai passando a bola.

Jogo: Imagem do grupo – escultura

Em dupla. Cada um, utilizando a outra pessoa, faz uma escultura que pretende refletir a sua opinião acerca das relações do grupo. Aquilo que permanecer constante em todas as esculturas será uma espécie de super objetividade. Pode-se escolher, cada vez que se faça o exercício uma pessoa para ficar em evidência, à volta do qual ficará o restante do grupo. A pessoa em evidência sentir-se-á na posição de cada um de seus companheiros, assumindo a posição deles em cada escultura.

Jogo: Dança da cadeira

É um jogo de crianças muito conhecido. Um círculo formado por cadeiras viradas para fora, tendo sempre uma a menos que o número de participantes. Os atores cantam e dançam uma música conhecida, andando em volta das cadeiras. Quando o diretor gritar “Já!”, todos deverão se sentar. Aquele que ficar de pé sai do jogo, e uma cadeira é retirada. O jogo prossegue até que o último jogador se sente na última cadeira.

Avaliação: No final da aula fizemos uma roda de conversa e analisamos o que eles aprenderam com a aula.

2º Aula / 02/10/2012.

Foi feita a leitura do texto “*Festa no céu*” de Ana Maria Machado, sendo que irei fazer a primeira leitura em seguida um dos alunos fará a leitura da mesma, depois será aplicado jogos teatrais e no final analisaremos se ficou melhor a leitura da história antes do jogo ou no final, usaremos os jogos dramáticos como estratégia de melhoria nas contações de história.

Solicitei ao grupo que caminhassem pelo espaço, atentos para não encostar uns nos outros. Dei as seguintes instruções: “Não andem em círculo”, “Preencham todos os espaços”, “Não se concentrem em um só lugar”, “espalhem-se”, “Não conversem, pensem apenas em caminhar pelo espaço”, “Concentrem-se no exercício”. Para que ficasse mais interessante resolvi levar um apito queria ver se eles estavam realmente concentrados, sendo que condicionei as mudanças através do apito. Por exemplo: Um som de apito - caminhar rápido. Dois sons de apitos-correr. Três sons de apitos-agachar. Um som de apito longo - parar.

Avaliação: Discutimos o objetivo do jogo, que é a concentração, esclarecer a importância e utilização dos elementos da linguagem dramática: espaço cênico, personagem e ação dramática. Sendo que a participação ativa dos alunos nas reflexões e jogos contará como avaliação dos mesmos.

3º Aula/ 03/10/2012.

Será realizada a contação da história a “*lenda do Mapinguari*” de Enilson Amorim, o autor é daqui do Acre, e em seguida irei perguntar quem que ler a mesma história, quero um voluntário, depois de serem feitas as leituras irei perguntar para os alunos se eles perceberam as diferenças. Sendo que nessa história usam-se muitas técnicas teatrais, irei explicar o que são técnicas teatrais.

Jogo: Completar o espaço

O grupo será dividido em duplas. Uma pessoa da dupla deve fazer um gesto, a outra deve fazer um gesto que complete o gesto da outra. Após sinal do (a) mediador (a) da atividade as posições devem ser trocadas, quem completou propõe e quem propôs completa.

Jogo: Quebra da Repressão

Uma pessoa do grupo contará uma história na qual tenha passado por uma situação de opressão. Esta história deverá ser representada por voluntários do grupo. Num primeiro momento a encenação será da forma com que a história foi contada. No segundo momento pelo mesmo grupo de voluntários ou outros a história deverá ser encenada com o personagem da história não aceitando a opressão, reagindo à situação.

Jogo: Floresta de sons.

Fazem-se muitos pares. Cada par combina um som, e uma das pessoas tem de ficar de olhos fechados e de braços cruzados andando pelo cômodo. Ela só se movimenta na direção que ouvir seu som e se ele parar, ela para. A questão é a confiança.

Jogo: João Bobo

Pede-se ao grupo que faça um círculo com todos em pé, olhando para o centro. Depois, que se inclinem em direção ao centro sem dobrar cintura, arquear as costas, nem levantar os calcanhares, como a torre de Pisa. Em seguida, que se incline para fora. Que façam a mesma coisa para a esquerda, para a direita, sempre sem dobrar a cintura ou levantar os pés. Que façam um círculo grande com seus corpos, que se incline para frente, para a esquerda, para trás, para a direita, para o centro; em seguida, a mesma coisa ao contrário, centro, direita, para trás, esquerda pra frente, várias vezes.

Um voluntário vai ao centro, fecha os olhos e faz a mesma coisa, só que desta vez ele se deixa tombar; todos os outros devem sustentá-lo com as mãos, permitindo-lhe inclinar-se até bem perto do chão. Em seguida, devem recolocá-lo novamente no centro, porém ele tombara em uma outra direção, sendo seguro sempre por, pelo menos, três companheiros. Ao fim, pode-se ajudar o

protagonista a rolar em círculo, pelas mãos dos companheiros, em vez de retorná-lo em direção ao centro.

Avaliação: Será feito um diálogo sobre o que foi estudado, se os alunos compreenderam e estão hábitos para se expressar na linguagem dramática, e se os mesmos desenvolveram capacidades de atenção, concentração e observação. E analisar se eles souberam distinguir as diferenças de leituras.

4° Aula/ 04/10/2012.

Nessa aula iniciamos com a história “*conto de bicho do mato*” de Ricardo Azevedo, será feito três leituras uma pela professora, outra pelo grupo, sendo vou dividir a sala em dois grupos, cada grupo interpretará a história. E em seguida iremos realizar alguns jogos dramáticos da Viola Spolin com o objetivo de haver uma interação maior entre os mesmos. Vale ressaltar que irei utilizar um dos jogos da aula anterior devido proporcionar um elo de ligação com os participantes e entre a aula do dia.

JOÃO, O BOBO

Um jogo mais do que conhecido e que, na simplicidade, soube atravessar o tempo e o espaço. Um jogo quase universal e também um típico exercício de confiança, tanto em si próprio, como nos dois parceiros que integram o jogo. lembremos da dinâmica - Três participantes, dois que seguram e impulsionam o corpo do terceiro, que deverá estar localizado entre ambos. Aquele que fica no centro deve manter o corpo firme (nem relaxado, nem tenso), os braços junto ao corpo e os olhos fechados: o braço daquele que empurra devem seguir o ritmo natural do peso em direção ao outro companheiro. Na medida em que a confiança cresce pode-se variar a distância do corpo que é jogado e segurado. Na medida em que se trata de um jogo para firmar a confiança, é fundamental transmitir para os participantes esse sentimento de confiar, em si próprio e nos companheiros.

JOGOS DOS ANIMAIS

Formar, com todo grupo, um círculo de costas para o centro. Um elemento diz o nome o nome de um animal (ex. gato), bate palmas e todos imitar o gato. Não é necessário miar ou andar de quatro, deve-se procurar fazer algo que o gato faça, procurar suas atitudes. Cada um deve trabalhar individualmente, sem observar seu colega, cada um é um gato só. Exemplo: cachorro, urso, galinha, sapo, cobra, garça, etc.

Variante: Criam-se situações simples, de duração curta. Como exemplo do tema: um açougueiro

que parece um porco, falando com um banqueiro; mulheres fofocando num cabeleireiro, feito galinhas ou a mulher "serpente venenosa" jogando sua "rede" para conquistar algo.

Avaliação: Roda de conversa para analisarmos o que foi aprendido nessa aula, se os objetivos foram alcançados ou não, ouvir os alunos.

5° Aula/ 05/10/2012.

Dessa vez iremos trabalhar as expressões corporais, e explicar a função que a mesma tem dentro da contação de história e no teatro, será usado a história do “*Nabo Gigante*” de Aleksey Tolstoi, como ponto de partida, irei ler a história fazendo uso das expressões corporais, em seguida os alunos irão tentar fazer. Vale ressaltar que precisarei mais de um voluntário. Depois vamos realizar alguns jogos dramáticos que exige expressões corporais.

JOGOS DE ESTÁTUAS (STOP)

O grupo se movimenta em todo o espaço com o corpo descontraído. A um sinal, dado pelo coordenador, cria uma estátua individual, procurando fazer com que todo corpo participe expressivamente. O coordenador deverá observar cada estátua, orientando para que eles procurem dar um novo caráter, uma nova motivação, utilizando todas as dimensões do espaço: no meio e no chão. O jogo poderá ter várias variantes: estátuas em duplas, três ou cinco pessoas, etc.

Estátuas com motivação do coordenador: alegre, triste, etc. Estátuas formando situações: dança ópera, jogos, na praia, no campo, na escola, etc.

JOGO DO ESPELHO DE PÉ

Dois participantes, também de frente um para o outro, repetem a experiência do espelho com todo o corpo, acrescentando sons, falas e barulhos, também criando personagens e situações.

Avaliação: Roda de conversa, analisar se os alunos compreenderam as funções dos jogos corporais, e informar os objetivos de cada jogo que é representar, e saber se movimentar diante de diversas situações. E analisar o que os jogos têm a oferecer quanto se vai interpretar uma história.

6° Aula/ 08/10/2012.

História do “*Pote Vazio*” será lida pela professora, em seguida será feito uma leitura pelo grupo, ou seja, coletiva, depois será feito a divisão dos grupos para interpretar a história e a aplicação dos jogos teatrais. Serão criadas diferentes formas para os alunos de caminhar, isso será feito depois das leituras. Eles irão caminhar pelo espaço, irei explorar os planos: Alto, médio, baixo e

variadas velocidades. Imaginem a caminhada por diferentes superfícies: Areia, gelo, fogo. Irei sugerir a cada um que caminhe como a personagem caminharia, vamos usar a criatividade.

Avaliação: Roda de conversa, informa que ao dramatizar uma história, vivenciamos as ações da personagem. Ouvir relatos dos alunos quanto às interpretações dos mesmos da história do Pote Vazio.

7º Aula/ 09/10/2012.

Será realizada mais uma leitura da história “*Dona Baratinha*” da Ana Maria Machado, onde o foco será nos personagens, que são animais, e são muitos, pretendo envolver toda a sala, e procurar junto com os alunos um ator para se o personagem principal Dona Baratinha, quero fazer diferente, invés de uma menina quero um menino, para que possamos nesse dia trabalhar a voz, e mostrar a importância da mesma no teatro, e na contação de história, serão realizados também nessa aula jogos dramáticos para despertar a criatividade em cada um. Observação será feito o mesmo jogo de uma aula anterior.

JOGOS DOS ANIMAIS

Formar, com todo grupo, um círculo de costas para o centro. Um elemento diz o nome o nome de um animal (ex. gato), bate palmas e todos imitar o gato. Não é necessário miar ou andar de quatro, deve-se procurar fazer algo que o gato faça procurar suas atitudes. Cada um deve trabalhar individualmente, sem observar seu colega, cada um é um gato só. Exemplo: cachorro, urso, galinha, sapo, cobra, garça, etc.

Variante: Criam-se situações simples, de duração curta. Como exemplo do tema: um açougueiro que parece um porco, falando com um banqueiro; mulheres fofocando num cabeleireiro, feito galinhas ou a mulher "serpente venenosa" jogando sua "rede" para conquistar algo.

CONGELA E VÁ - ENCENAÇÃO

Dois atores vão ao palco. O líder ou outro ator os "congela" em posição de ação. Os dois atores permanecem congelados por cinco segundos e começam então a representar uma cena até sua conclusão. As posições retratando conflito ou atividades, níveis de atitudes completamente diferentes são as que iniciam as cenas mais interessantes.

Variação - são fornecidos aos atores idades e tipos de personagens diferentes antes do início da cena.

Avaliação: Roda de conversa sobre os temas trabalhos, o uso da voz, o espaço, e suas impressões a

respeito dessa aula.

8º Aula/ 10/10/2012.

Contos de Grimm - “*Branca de neve*” e “*A inteligente filha do camponês*” de Heloisa Jahn (Trad). Nessa aula será trabalhado o improviso, irei ler a história e em seguida, haverá uma leitura coletiva, e depois dividirei os personagens e direi que agora eles vão improvisar, vão interpretar sem olhar para o texto, mas para isso lhes darei um tempo para poderem se familiarizar com o texto. Vale ressaltar que ante da leitura e da interpretação será feito alguns jogos:

CRIAÇÃO COLETIVA

As criações coletivas podem ter as mais diversas origens e movimentações, podem acontecer a partir de uma idéia, individual ou grupal, a partir de um texto ou uma música. O mais importante é construção de um roteiro de trabalho, que não representa outra coisa senão a sucessão de situações e acontecimentos, no tempo e no espaço. Fazer com que nossos alunos decorem textos pode resultar numa obrigação, e não num jogo, e a espontaneidade dá espaço ao exibicionismo...

Nos adolescentes, o texto chegará como consequência do desenvolvimento do grupo, surgindo o momento em que eles solicitarão. Já os mais novos precisam de ajuda do coordenador na construção da dramatização, e as motivações poderão ser variadas. Por ex. o bater de um pandeiro poderá lembrar a marcha de um trem, "Como anda o trem?" "Qual o som do trem?" Essa criação seria o começo de uma criação coletiva. Esse jogo a escolha do irão realizar será feito pelo grupo.

Avaliação: Observar os pontos positivos e negativos da interpretação e sugestões de como podemos melhorar.

9º Aula/11/10/2012.

Dessa vez a leitura será “leitura de mesa”, onde, sentados, lêem o texto em conjunto. Nessa fase, não será encenado, apenas lido. O texto será “*Chapeuzinho Vermelho*”, conto de Charles Perrault. Recontado e adaptado para o teatro de Márcia Lisboa.

Situação do dia- a -dia

Divida a classe em grupos de seis alunos. Proponha a encenação de uma cena cotidiana: fila de ônibus, feira livre, sala de espera de dentista etc. Deixe os grupos decidirem o enfoque a ser dado à situação proposta. Num tempo limite de cinco minutos, as equipes criam a cena e depois apresentam para a classe. Faça um debate que enfoque as semelhanças e diferenças entre imitação e realidade. É importante que a criançada, durante o debate, desenvolva o senso crítico perante os

fatos da vida real.

Pega-pega com enredo

Os jovens contam a história da peça que vai ser encenada durante um jogo de aquecimento. Pode ser um pega-pega, por exemplo, no qual o pegador narra o enredo. Assim que alguém é pego, continua a narrativa do ponto em que foi interrompida. A dinâmica continua até o fim da história. Em seguida, a classe encena a peça inteira em cinco minutos. É preciso se desdobrar para realizar essa tarefa. Imagine *Sonho de Uma Noite de Verão* encenada nesse tempo. Ao fim do exercício, os alunos entrarão em contato com o enredo da peça, a dinâmica das cenas e os personagens e - o melhor - terão criado um esboço de cada cena que vai servir de ponto de partida para o trabalho posterior, ou seja, aprofundar cada um desses aspectos.

Avaliação: Investigar se eles conheciam essa nova versão da história do Chapeuzinho vermelho, e quais outras os mesmo conhecem e relatar.

10 Aula/ 16/10/12.

Em primeiro lugar será aplicado para os alunos o questionário, e explicarei a relevância que o mesmo tem para me, que as informações serão confidenciais; que sejam sinceros, falem somente a verdade; se estiver dúvidas me perguntem. Vale ressaltar que será estipulado um tempo para responderem o questionário

Avaliação: Depois da entrega dos questionários irei fazer uma roda de conversa para agradecer os alunos por ter contado com eles nesse meu processo de aprendizagem junto com eles. Vale lembrar que todas as aulas terão registros fotográficos.

Apêndice- C
FOTOS DO PROJETO



Roda de Conversa



Preenchendo o Questionário



Jogo Teatral: Prática do Remo



Encenando história do livro Bicho do Mato



Encenando história



Contando História e Encenando



Encenando uma história com o Jogo dos animais



Contando História e Encenando

